

IDENTIDADE NA ANTIGUIDADE TARDIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA DE EUSÉBIO DE CESAREIA QUANTO À IDENTIDADE DOS CRISTÃOS NO SÉCULO IV D.C.

IDENTITY IN LATE ANTIQUITY: CONSIDERATIONS OF EUSEBIUS' PERSPECTIVE ABOUT CHRISTIAN'S IDENTITY IN THE FOURTH-CENTURY A.D.¹

Eliton Almeida da SILVA*

Resumo: Neste artigo busca-se refletir acerca da construção de identidade entre o Imperador Constantino e os cristãos, a partir da análise das obras *História Eclesiástica* e *Vida de Constantino*, de Eusébio de Cesareia, um autor cristão de atuação significativa no século IV d.C. A imagem do Imperador Constantino, na historiografia clássica, esteve ligada a conversão ou não-conversão de Constantino ao cristianismo. E mesmo em trabalhos monográficos recentes, encontramos exemplos de constatações análogas. Na análise das obras citadas buscamos mais do que a exaltação da imagem de um imperador favorável aos cristãos ou um excelente articulador político. Identificamos em Eusébio a procura da construção de uma identidade entre figuras centrais da Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia – Imperador Constantino – Eusébio de Cesareia – Construção de identidade.

Abstract: This paper aims to reflect on the construction of identity between the Emperor Constantine and Christians from the analysis of *Ecclesiastical History* and *Life of Constantine*, works of a Christian author of significant activity in the fourth century A.D., Eusebius of Caesarea. The image of the Emperor Constantine in classical historiography, was linked to conversion or non-conversion of Constantine to Christianity. And even in recent monographs, we find examples findings of the same parameters. In the analysis of works cited above we seek more than the exaltation of Emperor's image favorable to Christians or a great political operator. In Eusebius we identify the search of such identity built between central figures of the Late Antiquity.

Keywords: Late Antiquity – Emperor Constantine – Eusebius of Caesarea – Construction of identity.

Introdução

Malgrado a possibilidade de que seja uma das figuras mais trabalhadas na Antiguidade Tardia, a caracterização de Constantino permanece controversa e antagônica. Deparamo-nos, na historiografia, com descrições de Constantino como sendo “cínico ou supersticioso”, numa extremidade, ou como cristão “sincero”, em

* Mestrando em História – Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Franca, CEP: 14409-160, Franca, São Paulo – Brasil. E-mail: elitondealmeida@gmail.com

outra extremidade (VEYNE, 2009, p. 10)² – percebemos que tais caracterizações se relacionavam com a polêmica bidimensional entre cristianismo e paganismo.

Uma das principais obras da historiografia tradicional relativa ao Império Romano é o *Declínio e queda do Império Romano*, de Edward Gibbon³, publicado inicialmente em 1776. Em termos de historiografia tradicional disponível em língua portuguesa, certamente é a principal. Nela, Gibbon buscou as causas do declínio e queda do Império Romano baseado na noção corrente de que a Antiguidade teria deixado de existir para dar lugar à outra realidade, outro momento histórico, havendo, portanto, uma ruptura, uma definitiva “queda” do Império Romano e de suas estruturas por esta ter entrado em “crise”. Outra constatação sobre a historiografia tradicional seria a noção de um Império sediado em Roma que culminou por ofuscar-lhe a percepção de que as mudanças no Império não significariam, necessariamente, o fim da Antiguidade propriamente dita e levou Gibbon a decretar o fim do Império Romano no ano de 476 d.C. Este importante historiador inglês do século XVIII está inserido em um contexto do qual não pode escapar. Seria impossível a ele produzir sua obra dissociada das “paixões” inerentes a seu momento histórico, diria Carrié (1999, p. 11-12). Ratificando esta posição, Cameron (1993, p. 2) afirma que os juízos de valor não podem ser completamente evitados na pesquisa histórica, apesar de não colaborarem para o seu desenvolvimento.

Toda esta carga negativa posta pela historiografia tradicional sobre os séculos finais do Império Romano pode ser considerada uma das causas da insistente permanência na utilização de conceitos ligados à historiografia da “queda” – das rupturas na transição da Antiguidade para a Idade Média – nos principais trabalhos monográficos produzidos com relação a Constantino, segundo Frighetto (2006, p.163), ou mesmo de um reduzido interesse de pesquisadores em abordar de forma mais ampla este período histórico. Mesmo nos países de língua inglesa, segundo Averil Cameron, foi só recentemente, após a publicação da obra *History of The Later Roman Empire*, de A. H. M. Jones, em 1964, e, sete anos mais tarde, da obra *The World of Late Antiquity*, de Peter Brown, que este período ascendeu a uma das áreas de maior crescimento no ensino e na pesquisa (CAMERON, 1993, p. 1). Nesse sentido, aderindo ao conceito de Antiguidade Tardia, entendemos que não mais devemos enxergar este período histórico como sinônimo de “decadência”. De acordo com Henri Marrou, a Antiguidade Tardia deve ser considerada como “uma outra antiguidade” (MARROU, 1979, p. 15). Carrié afirma que o redirecionamento das problemáticas envolvendo o Império Romano, em

direção ao Oriente, os objetos históricos renovados e as novas fontes da pesquisa historiográfica recente elevaram o *status* da Antiguidade Tardia que passou a ser:

[...] desembaraçada de seu imaginário negativo e catastrófico: de um período da História que não é nem o fim de um mundo, nem o começo de um outro, mas tudo isto ao mesmo tempo, principalmente, um período possuidor de sua própria identidade, de sua irreduzível singularidade, que se deve estudar por ele próprio (CARRIÉ, 1999, p. 25).

Tendo feito tais considerações iniciais, esclarecemos que nosso objetivo principal será o de demonstrar em que medida o discurso de Eusébio de Cesareia, principalmente os conteúdos da *História Eclesiástica* e da obra *Vida de Constantino*, permitiram, ou mesmo provocaram, a formação de uma nova identidade cristã nas relações entre o cristianismo e o Imperador Constantino no século IV d.C.

Contexto Histórico

No seio do Império Romano, a chegada do século quarto veio acompanhada de mudanças que seriam sentidas por todo o mundo ocidental, e mesmo em grande parte do Oriente. Muito embora tais mudanças não tenham se restringido ao campo religioso, é o cristianismo que irá, ao longo dos séculos, ser considerado fator determinante dessas transformações no Império Romano da Antiguidade Tardia.

Tais transformações estão intimamente ligadas ao Imperador Constantino (que governou de 306 a 337 d.C., reinando sozinho de 324 a 337 d.C.), ou ao menos é o que a historiografia tem dito a seu respeito. Sua conversão teria ocorrido no ano de 312 d.C., às vésperas da famosa batalha da ponte Mílvia, contra Maxêncio, da qual saíra vencedor em 28 de outubro de 312 d.C.⁴ Segundo o relato de Eusébio de Cesareia:

[...] Nas horas medianas de sol, quando o dia já começa a declinar, disse que viu com seus próprios olhos, em pleno céu, sobreposto ao sol, um sinal em forma de cruz, construído a base de luz e ao qual estava unida uma inscrição que dizia: *com este vencerás*. Ele ficou pasmo pela visão que lhe ocorreu e a todo o exército, que o acompanhava no curso de uma marcha e que foi espectador do prodígio (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.28.2. Tradução nossa⁵).

Na referida batalha, estava em jogo a supremacia imperial sobre toda metade ocidental do Império, até então, dividido entre os Imperadores oponentes: Constantino no controle das Gálias e Maxêncio no controle da Itália e províncias da África.

Realizando um resumo concentrado das transformações políticas do período, destaca-se o governo baseado num acordo entre os dois Augustos do momento: Licínio como Imperador na metade oriental do Império e Constantino como Imperador na metade ocidental. Contudo, o período sem batalhas entre os Imperadores foi muito curto, durando apenas alguns anos. Durante o período em que vigorou o acordo, ambos assinaram o chamado Edito de Milão, mas alguns anos depois, Licínio, tentando receber o apoio dos não-cristãos para dominar todo o Império inicia, na prática, um novo período de perseguição aos cristãos. Em suma, entre os anos de 324 e 325 o inevitável embate entre os imperadores ocorreu, e logo chegou ao fim, com o Imperador Constantino unificando a dominação do Império, anexando as províncias orientais, até aquele momento, sob o controle de Licínio.

Identities in mutation

No decorrer de nossa pesquisa buscamos uma alternativa interpretativa ao que Eusébio conta sobre Constantino, nos esforçando por desviar das interpretações que reduzem o discurso de Eusébio, nas fontes citadas, aos embates entre cristianismo e paganismo. Tais interpretações não só deixam escapar as relações político-culturais, relativas ao discurso, como limitam a atuação dos historiadores às considerações possíveis, como muito bem nos adverte Carvalho:

[...] os discursos [...] de todos os outros [escritores], sejam cristãos ou pagãos, revelam, a nosso ver, o ambiente político-cultural do século IV d.C., não restringindo sua ação à referida polêmica cristianismo *versus* paganismo (CARVALHO, 2010, p. 23).

Nesse sentido, percebemos que no discurso *Vida de Constantino* havia muito mais do que a simples propaganda, a construção da imagem de um governante⁶ ou a busca de sua legitimação⁷ por ele ter ascendido ao trono por meio da aclamação de suas próprias tropas e passamos a enxergar, neste discurso, o processo de construção de uma identidade.

Sobre a problemática da identidade, nos apropriamos das conclusões de Stuart Hall, quem destaca a existência de três tipos de identidade baseadas: no sujeito do Iluminismo, no sujeito sociológico e no sujeito pós-moderno. Para ele, a identidade do sujeito pós-moderno (para usar a expressão do próprio autor), seria definida historicamente e não somente biológica ou culturalmente, como se propôs até então, (HALL, 2006, p. 10-13). Em suas palavras:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006, p. 13).

A questão da identidade na Antiguidade Tardia é, portanto, de acordo com Miles (1999, p.1), um tema atual da historiografia, inserido tanto no movimento de renovação da História Cultural quanto da História Política. Sendo assim, entendemos o discurso de Eusébio de Cesareia como uma fonte ainda não suficientemente dissecada pelo historiador do século XXI, no sentido das construções de identidade da Antiguidade Tardia.

Eusébio, Cesareia e a questão da identidade

Eusébio, pai da História da Igreja, foi um importante pesquisador e escritor cristão, talvez o mais importante de sua época. A *História Eclesiástica*, escrita em dez volumes, é reconhecidamente sua obra mais importante e, conseqüentemente, a mais trabalhada pela historiografia, seja da história da igreja ou mesmo fora dela, devido aos documentos incluídos no decorrer de suas descrições. O próprio Eusébio considera sua *História Eclesiástica* uma obra singular, quando afirma:

Confesso ser tarefa acima de minhas forças o cumprimento íntegro e perfeito de meu compromisso. Sou de fato, o primeiro a empreender tal iniciativa, atravessando paragens ínvias e ainda não trilhadas. Suplico a Deus seja meu guia e a força do Senhor me preste seu concurso (EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, I.1.3).

Não havendo informações sólidas sobre seu local de nascimento, atentemos para a afirmação do próprio Eusébio que se refere à Cesareia como “nossa cidade” (EUSEBIUS, *Martyrs in Palestine*, 1861, p. 25). Contudo, seria sobremaneira

exagerado concluir, com esta afirmação, que Cesareia seja sua cidade natal. Seria mais correto afirmar que Eusébio recebera a alcunha “de Cesareia” por ter se tornado bispo desta cidade da Palestina, já que a posição de bispo era ocupada por homens da respectiva região. Eusébio esteve ligado à escola de Pânfilo e Orígenes, situada nesta mesma cidade, de onde se pode inferir que Eusébio, de fato, fosse originário da Palestina ou, ao menos, de alguma cidade da região, sem, no entanto, podermos afirmar esta condição (GURRUCHAGA, 1994, p. 15).

Outra especificação ligada ao nome de Eusébio é a de “Pânfilo”. Instruído em Alexandria, Pânfilo era, na verdade, fenício de nascimento. Eusébio nos conta que conhecera Pânfilo na cidade de Cesareia, enquanto Agápio era o bispo desta cidade (EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, VII, 32, 24-25). Pânfilo foi ordenado sacerdote por Agápio e fundou uma escola de teologia que dá seguimento aos estudos de Orígenes, onde Eusébio irá desenvolver sua pesquisa, já que Pânfilo constitui ali, além dessa escola, uma considerável biblioteca (DANIÉLOU; MARROU, 1984, p. 218). Eusébio considerava Pânfilo um “genuíno filósofo” e “homem extremamente versado na palavra” (EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, VII, 32). No entanto, nada em seus relatos nos leva a pensar como pensou Fócio⁸ ao afirmar que Eusébio teria sido ex-escravo libertado por Pânfilo e que, por isso, adotara a alcunha “de Pânfilo”. Não há sustentação documental para tal afirmação (GURRUCHAGA, 1994, p. 16). Sobre sua relação com Pânfilo, o próprio Eusébio afirma na *História Eclesiástica* que ele era seu amigo e mestre (FRANGIOTTI, 2000, p. 9). O mais que se pode afirmar sobre a estreita relação entre Eusébio e Pânfilo é facilmente aferida pelo relato daquele quanto ao martírio deste:

[...] Pânfilo, um nome muito querido para mim, que era santo em todas as coisas, e adornado com todas as virtudes, foi julgado no conflito do martírio. Ele era realmente o mais famoso de todos os mártires do nosso tempo, por conta de suas realizações na filosofia, e seus saberes tanto na literatura sagrada quanto na profana (EUSEBIUS, *Martyres in Palestine*, 1861, p. 25).

Anthony Grafton e Megan Williams (2006), em uma obra recente intitulada *Christianity and the Transformation of the Book: Origen, Eusebius, and the Library of Caesarea*, argumenta sobre a intelectualidade de Eusébio e a condição da cidade de Cesareia nos seguintes termos:

Foi em Cesareia que Eusébio aprendeu a ser um intelectual; foi em Cesareia, também, que ele criou novas formas e organizações literárias [...]. A Cesareia em que Eusébio leu a Hexapla e criou as Crônicas foi o principal centro de produção, tanto quanto de consumo, de livros Judaicos e Cristãos (GRAFTON; WILLIAMS, 2006, p. 178).

Assim, passamos a um breve relato sobre a cidade de Cesareia, para ratificar a afirmação feita acima, de Cesareia como uma das cidades mais importantes da porção oriental do Império Romano sob o controle do Imperador Constantino.

Cesareia foi uma cidade fundada por Herodes, rei da Judeia, alguns anos antes de nossa era. Foi construída para ser a capital e, também, um importante centro comercial de seu reino. Templos, ruas organizadas, prédios públicos e estruturas administrativas diversas foram construídos sob o comando do rei Herodes. Já no sexto ano de nossa era, após o Império Romano anexar a região, Cesareia se transformou na sede administrativa de Roma na região e governadores como Pôncio Pilatos ficavam sediados nesta cidade. No segundo século, a comunidade judaica cresceu na cidade, paralelamente à comunidade cristã, já que o bispo da cidade se tornou o mais importante da região. A Cesareia da Palestina do terceiro século, segundo Gurruchaga, era uma cidade cosmopolita, com cerca de cem mil habitantes (1994, p. 15). Cidade dinâmica e mista, sem predominância da igreja primitiva, assim como de qualquer outro grupo étnico ou religioso. Lá conviviam judeus, samaritanos, cristãos, pagãos; isto dificultava, em certa medida impedia, uma perseguição ostensiva de um grupo para com outro, apesar de se tratar de uma cidade oficialmente pagã. Devido, sobretudo, às características da cidade, não há relatos de bispos para a região até ao ano 190. Assim, é que Cesareia recebe o intelectual Orígenes no ano de 231 (inclusive foi lá que Orígenes terminou a Hexapla) e seus sucessores, dos quais podemos incluir Eusébio (GURRUCHAGA, 1994, p. 16) e, antes dele, Pânfilo, seu amigo e mestre.

Eusébio acompanhou Pânfilo em seu trabalho junto à biblioteca herdada de Orígenes e, não somente o acompanhou, como o auxiliou em todo seu trabalho intelectual, mesmo quando em cárcere, devido às perseguições (EUSEBIUS, *Martyrs in Palestine*, 1984), o que agregou a Eusébio alta erudição, além do contato direto e indireto com os cristãos estudiosos do período, que afluíam à residência de Pânfilo e à Escola de Cesareia, fundada por este discípulo de Orígenes (OÑATIBIA, 1991, p. 429).

A Escola de Cesareia se tornou centro atrativo de intelectuais cristãos a partir do século III d.C. Sob a direção de Pânfilo, para lá afluíram uma série de importantes

estudiosos cristãos como, além do próprio Eusébio de Cesareia, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, Basílio o Grande e Gregório o Taumaturgo (OÑATIBIA, 1991, p. 429).

Passemos às considerações sobre os escritos de Eusébio. Conforme já foi dito, nossa reflexão presente neste trabalho partiu da análise mais particular de duas de suas obras: a *História Eclesiástica* e a *Vida de Constantino*. Esta última é a principal fonte de informações a respeito de Constantino (CAMERON, 1993, p. 15). Por não ser o objetivo deste artigo, não iremos penetrar na questão da composição, do estilo e da autenticidade de suas obras. Necessário ressaltar, ainda, que nosso objeto de pesquisa foi elaborado a partir da leitura destes documentos.

Interessante notar que Eusébio está, em ambas as obras citadas, frequentemente tecendo argumentos em torno da “diferença”, referindo-se ao Imperador como sendo eleito por Deus em oposição aos tiranos⁹. Eusébio esteve deveras preocupado em tratar de tais diferenças, buscando definir quem seriam os pagãos e, ao contrário destes, quem seriam os “verdadeiros cristãos”, mesmo antes de conhecer o Imperador Constantino, segundo Gurruchaga (1994, p. 60). A redação dos oito primeiros livros da *História Eclesiástica* (que não incluem Constantino), por exemplo, foi concluída em torno do ano 311 d.C., segundo Frangiotti (2000, p. 10), portanto, antes do evento relacionado à conversão de Constantino, em 312 d.C., conforme nos referimos anteriormente.

Notamos, ainda, que Eusébio parece entender a representação maior do verdadeiro cristianismo na própria vida dos mártires, amigos de Deus, que se identificavam com a promoção da paz e da concórdia. Em suas palavras:

[...] o maior ataque travado contra a besta consistiu em lutar, movidos por autêntica caridade [...] impetraram vida para eles [os lapsos] [...]. Sempre amantes da paz, no-la transmitiram. Foram em paz para junto de Deus, e não causaram pesar à mãe, nem perturbação ou luta aos irmãos, mas deixaram-lhes alegria, paz, concórdia, caridade (EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, V.2.7).

Nas primeiras linhas de sua *História Eclesiástica*, Eusébio de Cesareia já destaca sua intenção na obra em separar e definir, claramente, cristãos e pagãos, o que, certamente, foi uma das condições responsáveis por manter os debates sobre a Antiguidade Tardia, neste âmbito. Eusébio se propõe a narrar:

[...] quantos, quais, em que tempo os ataques dos pagãos contra a palavra divina; os grandes varões que, em várias épocas, por ela suportaram suplícios e combateram até o derramamento do sangue; sobretudo, e entre nós, os testemunhos prestados e a benevolência misericordiosa do Salvador para conosco – tudo isso julguei conveniente transmitir por escrito (EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, I.1.2).

Esperamos ter deixado claro que nosso objetivo foi de remeter o pensamento ao modelo de construção de identidade baseado na diferença.

Outra constatação importante que entendemos, e que deve ser reforçada, se refere a dois momentos na construção da identidade: um anterior e outro posterior à eventual conversão de Constantino. Harold Drake (1976, p. 4-5), ao dissertar sobre os motivos de Eusébio, destaca as mudanças nas práticas imperiais contrárias aos cristãos, ocorridas bem no contexto de final do século III e início do século IV, quando Eusébio presenciou alguns martírios, segundo seus próprios relatos. Drake também acredita que Eusébio buscava a unidade da igreja e deixa subentendido que houve uma mudança na percepção que os cristãos possuíam de si mesmos, com essa transição (DRAKE, 1976, p. 6-7).

Nesta mesma linha de pensamento, mas de forma muito mais direta, encontramos as constatações de Markus¹⁰. Para ele, até Constantino, as comunidades cristãs definiam sua identidade a partir das imagens da perseguição, principalmente por seus mártires: ser cristão seria, em última análise, fazer parte de um grupo constantemente ameaçado pela perspectiva da perseguição e do martírio¹¹, especialmente por parte de Roma. Apesar de não concordarmos com a visão de Markus a respeito de um cristianismo intensamente perseguido, até Constantino, e de um momento de intensa paz posterior ao mesmo, compreendemos que há uma mudança na visão de Eusébio a respeito do modelo de identidade cristã. Com a conversão de Constantino e a mudança da prática imperial relativa ao cristianismo, a mudança neste modelo se tornou premente, uma vez que o mais importante perseguidor, no caso o Imperador, passou a ser seu principal benfeitor.

Entendemos que a obra de Eusébio *Vida de Constantino*, representa, assim, essa viragem no significado e na imagem do cristão ideal. O cristianismo de Constantino não é retratado por Eusébio, na *Vida de Constantino*, como um processo, uma evolução, mas sim como um algo dado, completo. Constantino é um ser escolhido por Deus, o melhor de todos os imperadores. Para Eusébio, seu cristianismo é completo desde a infância.

[...] Constantino, o único que chegou a ser bem-amado de Deus, soberano do Universo, entre os que alguma vez governaram o Império Romano, constituiu para todos os homens um esplendoroso paradigma de pia vida religiosa (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.3.4).

E isso é também, o que o mesmo Deus, a quem Constantino venerava, confirmou com brilhantes votos, sendo-lhe propício desde o princípio, no meio e no fim de seu Império [...] (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.4).

Nas passagens acima, fica claro que Eusébio está buscando uma identificação de Constantino com os cristãos. Ele alega que Deus teria acompanhado Constantino desde o começo de seu império, não obstante o fato de ele mesmo ter narrado sua conversão, na batalha da ponte Mílvia, apenas em 312 d.C., comentada no princípio deste artigo.

Eusébio vai além, buscando na infância do Imperador uma comparação com a história bíblica de Moisés, que recebera educação do faraó e na idade adulta retornara a seu povo. Nas palavras de Eusébio:

[...] Constantino, que não muito depois seria o tiranicida, quase um terno jovem de incipiente barba, vivia no meio deles, na mansão tirânica justamente como aquele servidor de Deus [Moisés], mas de modo algum tomava parte, apesar de jovem que era, nas mesmas atitudes que os ateus (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.12.2).

[...] Vivia, pois, com os príncipes coregentes, e como já foi mencionado, passava seu tempo entre eles, justamente como aquele antigo profeta de Deus (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.19.1).

Para fortalecer a imagem positiva de Constantino, Eusébio caracteriza Maxêncio como usurpador (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.33.1) e se utiliza da mesma metáfora anterior, quando fala da infância de Moisés (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.12.1-2), comparando Maxêncio ao faraó que, segundo o relato bíblico, ao perseguir Moisés e o povo hebreu foi morto, juntamente com seu exército, ao atravessar o Mar Vermelho. A relação positiva de Constantino com a negativa de Maxêncio reforça a questão da diferença, já referida anteriormente, e identifica Constantino ainda mais com a figura do modelo de cristão.

[...] Como nos tempos de Moisés e do piedoso povo dos hebreus “lançou ao mar os carros do Faraó juntamente com seu exército e pereceram no mar Vermelho a flor e nata de sua escolta de veneráveis cavaleiros”, não de outra maneira Maxêncio e o cortejo de hoplitas e doríforos “se afundaram no mar como se fossem pedras”, quando, recebendo o retorno da potência divina que apoiava a Constantino, atravessava o rio que está de frente a direção da marcha (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.38.2).

Eusébio narra, em diversas ocasiões, o Imperador Constantino sendo honrado e presenteado demonstrando um tipo de humildade como característica intrínseca de um cristão (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, IV.48-49). Frequentemente, também, o Imperador é caracterizado como “estudante da bíblia” (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.32.3), “amigo de Deus” (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.38.2), “iluminado pelo conhecimento da cruz vitoriosa” (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I. 41.1), com preocupação especial na igreja de Deus (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, I.44.1) e imperador magnânimo (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, II.22). Mais do que simplesmente exaltar a figura de um governante, Eusébio parece mesmo compreender o Imperador cristão, em especial na *Vida de Constantino*, como a melhor forma de coesão identitária entre os cristãos. Afinal de contas, a *Vida de Constantino* começou a ser escrita, se não após a morte de Constantino, muito próximo a ela, com algumas inclusões e alterações posteriores, segundo Cameron e Hall (1999, p. 9). Ter esta constatação em mente já poderia ser suficiente para reconsiderar a imagem construída acerca de Eusébio como sendo o “primeiro historiador da antiguidade completamente desonesto”, segundo afirmação de Jacob Burckhardt (apud HOLLERICH, 1990, p. 309).

Considerações Finais

Poderíamos, ainda, efetuar diversas outras citações da *Vida de Constantino*, no sentido de melhor compreendermos a construção da identidade feita por Eusébio na Antiguidade Tardia. Contudo, entendemos que o objetivo principal foi atingido. Pudemos acompanhar, neste trabalho, a fundamental importância dos escritos de Eusébio de Cesareia com respeito à construção da identidade entre os cristãos e o Imperador Constantino, passando pela mudança de perspectiva da identidade baseada na figura do mártir que combate os pagãos e os hereges, chegando à figura do “representante da paz”, Constantino, que assegura a paz e a concórdia às comunidades,

que derrota os hereges pelo poder concedido pelo próprio Deus. Por mais que não concordemos com ambas as afirmações, ou seja, em um momento de extrema perseguição anterior à Constantino, e um período de perfeita paz a partir do mesmo, notamos que ao destacar ambas as posições como elementos históricos, tanto na *História Eclesiástica* como na *Vida de Constantino*, Eusébio estaria se utilizando de elementos retóricos para caminhar no sentido de uma coesão identitária entre o Imperador indubitavelmente favorável aos cristãos e, esses últimos, até então caracterizados como minoria explorada e oprimida pelos hereges pagãos.

Concordamos, assim, com a afirmação de que a identidade na Antiguidade Tardia deve ser entendida como algo mutante, em constante dissolução e reconstrução, assim como em todos os tempos históricos (MILES, 1999, p. 4). Não deixamos de constatar, também, que é no plano discursivo que a nova identidade cristã é construída por Eusébio e o próprio discurso é o elemento de unidade fundamental neste novo momento do cristianismo.

Outro elemento que deve ser considerado corresponde à questão do posicionamento geográfico da cidade de Cesareia e as questões teóricas envolvidas nesta condição. Não se pode centralizar as transformações ocorridas no Império Romano do século IV d.C. no Ocidente. Como vimos, Cesareia é uma cidade da Província da Palestina, o que justifica nossa vinculação ao conceito de Antiguidade Tardia, pois os historiadores defensores do termo argumentam que a orientação do Império centrado no Ocidente teria um caráter simplificador e levaria a afirmação da queda definitiva do Império no século seguinte, com as chamadas “invasões bárbaras”. No entanto, focalizando o Oriente, a busca das continuidades e discontinuidades da Antiguidade tende a ser mais esclarecedora deste período tão fluído da história do Império Romano. Em nossa análise das obras de Eusébio, por exemplo, identificamos na *História Eclesiástica* a preocupação de Eusébio em narrar uma história que abarcasse todo o cristianismo, não somente dentro do Império, mas para além dele. Sem ignorar as querelas intestinas do cristianismo, e mesmo dando importância a elas, o que ele extrai delas, no entanto, não são constatações tão claras quanto o historiador gostaria que fossem. Eusébio as utiliza para argumentar em favor de uma união dos cristãos em torno de características específicas: antes de Constantino, os mártires; depois, no próprio Imperador.

A *Vida de Constantino*, conforme constatamos, demonstra mais claramente as intenções de Eusébio em tratar além da unidade cristã do que construir argumentos em

louvor a um Imperador favorável aos cristãos, por mais que houvesse significância em agindo desta forma.

Esperamos ter deixado claro neste trabalho nossa percepção de que havia, no discurso da *Vida de Constantino*, muito mais do que a simples propaganda e construção da imagem de um governante¹² ou a busca de sua legitimação¹³, por ele ter ascendido ao trono por meio de aclamação de suas próprias tropas¹⁴, e passamos a enxergar neste discurso o processo de construção de identidade entre o Imperador Constantino e os cristãos no século IV d.C.

Até os dias atuais a historiografia ora argumenta, baseada nos textos de Eusébio, em termos do embate entre cristãos e pagãos na Antiguidade Tardia. Ora se debruça sobre as “reais” intenções de Eusébio de Cesareia e sua descrição do Imperador Constantino. Podemos encontrar, atualmente, constatações de renomados historiadores que advogam em favor de um Constantino convertido de fato, não somente favorável aos cristãos, mas contrário aos pagãos, mesmo que permitindo a continuidade de seu culto. Eusébio assim descreve esta condição:

Eu desejo que teu povo viva em paz e permaneça em concórdia para comum benefício de todos os homens da população. Os enredados no erro gozem alegres, da mesma forma os que creem, da paz e da quietude. Pois esta doçura que dimana da comunhão social valerá a pena para corrigir aqueles e conduzi-los pelo reto caminho. Que ninguém moleste a outro; apodere-se cada qual ao que seu ânimo queira, e use-o. É preciso que os que tem boas intenções cheguem ao conhecimento de que somente viverão em santidade e pureza aqueles aos que tu mesmo chamas a repousar em tuas santas leis (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, II.56.1-2)

Beneficiemo-nos todos os homens do privilegiado consórcio que nos foi outorgado, isto é, do bem da paz, abstraindo manifestamente a consciência de tudo o que se lhe opõe. Para o resto, que nada se empregue em menosprezo de outro aquilo que é sua íntima convicção de haver recebido. O que um percebeu e compreendeu ser possível aplique-o em proveito de outro; se for impossível, que desista do intento. Pois uma coisa é abordar espontaneamente o combate da imortalidade, e outra é forçar-lo a pena de castigo (EUSÉBIO, *Vida de Constantino*, II.59-60, 1).

Paul Veyne (2009, p. 16-17) utiliza as passagens acima para argumenta em favor de uma conversão que comportava uma “tolerância insinuante”. Nós, porém, interpretamo-la como uma saída de Eusébio para deixar subscrita sua intenção de construir uma identidade. Afinal de contas, ao tratar o pagão com complacência,

permitindo-lhe o culto e sem a menor intenção de puni-lo por não aceitar o cristianismo, quanto mais se deve tratar o cristão dito herege, heterodoxo, fora dos padrões estabelecidos pelo concílio de Niceia¹⁵.

É claro que esta condição de aceitação múltipla não pode ser considerada unívoca e o momento histórico posterior poderá demonstrar que o modelo de identidade baseado na diferença, conforme demonstrado aqui não perdurara por muito tempo na Antiguidade. Exatamente por este motivo é que entendemos ser de fundamental importância levantamentos mais aprofundados com relação à construção da identidade na Antiguidade Tardia, o que pretendemos prosseguir em nosso percurso como pesquisador, esperando que outros historiadores se debrucem sobre essa questão para aspergir um pouco mais de luz em um período tão eclipsado, principalmente pela historiografia brasileira, como a Antiguidade Tardia.

Referências Bibliográficas

Documentação Primária Impressa

EUSEBIUS, BISHOP OF CAESAREA. *History of the martyrs in Palestine*. Edited and Translated into English by William Cureton. London: Williams and Norgate, 1861.

EUSEBIO DE CESAREIA. *Vida de Constantino*. Introducción, Traducción y Notas de Martín Gurruchaga. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

EUSEBIUS. *Life of Constantine*. Introduction, Translation and Commentary by Averil Cameron and Stuart G. Hall. New York: Oxford University Press, 1999.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. Tradução de Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

Obras Gerais

ALENCAR, Rosane Dias. *A construção da imagem do governante: uma análise das representações do Imperador Constantino (306-337 d.C.)*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007.

BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CAMERON, Averil. *The Later Roman Empire*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

_____; HALL, Stuart G. Introduction, translation and commentary. In: EUSEBIUS. *Life of Constantine*. New York: Oxford University Press, 1999.

CARRIÉ, J.-M. Introduction Bas Empire ou Antiquité Tardive? In: CARRIÉ, J.-M.; ROUSSELLE, A. *L'Empire Romain en mutation: des Sévères à Constantin*. Paris: Editions du Seuil, 1999, p. 9-25.

CARRIKER, Andrew. *The Library of Eusebius of Caesarea*. Leiden: Brill, 2003.

- CARVALHO, Margarida Maria de. *Paidéia e retórica no século IV d.C.: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- COUTROT, Aline. Religião e Política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 331-363.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FINLEY, Moses I. *Uso e abuso da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FRANCHI, Ana Paula. *Poder imperial e legitimação no século IV d.C.: o caso do “Panegírico de Constantino”*. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- FRANGIOTTI, Roque. Introdução e notas complementares. In: EUSÉBIO. *História Eclesiástica*. Tradução de Monjas Benedictinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.
- FRIGHETTO, Renan. Estruturas Sociais na Antiguidade Tardia Ocidental (séculos IV/VIII). In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: Edufes, 2006, p. 223-240.
- GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GRAFTON, Anthony; WILLIAMS, Megan. *Christianity and the transformation of the book: Origen, Eusebius, and the Library of Caesarea*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- GURRUCHAGA, Martín. Introducción, traducción y notas. In: EUSEBIO. *Vida de Constantino*. Madrid: Editorial Gredos, 1994.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- HOLLERICH, Michael J. Religion and politics in the writings of Eusebius: reassessing the first “Court Theologian”. *Church History*, v. 59, n. 3, p. 309-325, set. 1990. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3167741>>. Acesso em: 24 Jun. 2010.
- MARKUS, R. *O Fim do Cristianismo Antigo*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- MILES, Richard. Introduction: construction identities in late antiquity. In: MILES, Richard. *Constructing Identities In Late Antiquity*. New York: Routledge, 1999, p. 1-15.
- OÑATIBIA, Ignacio. *Patrologia*. Hasta el concílio de Nicea. Vol. I. Madrid: La editorial Católica, S.A., 1985.
- PAPA, Helena Amália. *A contenda entre Basílio de Cesareia e Eunômio de Cízico (Séc. IV d.C.): Uma análise político-religiosa*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.
- RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*, v. 8, n. 10, p. 131-142, Jul/Dez 2004.
- _____. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Edunisc, 2000, p. 49-70.
- SILVA, Gilvan Ventura da. A relação Estado/Igreja no Império Romano (séculos III e IV). In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: Edufes, 2006a, p. 241-266.

VEYNE, Paul Marie. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Lisboa: Edições texto & grafia, 2009.

Notas

¹ Agradeço profundamente a Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho pelo incentivo e paciência no desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também ao auxílio da Doutoranda Helena Amália Papa pelas contribuições fundamentais à publicação do presente artigo.

² Defendemos que ambas as caracterizações são baseadas, primordialmente, nos escritos de Eusébio de Cesareia.

³ Jacob Burckhardt (*Die Kultur der Renaissance in Italien*, 1860) e Norman Baynes (*Constantine the Great and the Christian Church, The Raleigh Lectures*, 1929) são outros representantes desta historiografia tradicional.

⁴ No Arco de Constantino, dedicado ao Imperador por ocasião do décimo aniversário de sua ascensão ao trono, ainda de pé, próximo ao Coliseu, lê-se a inscrição: “pela inspiração da divindade e pela nobreza de sua própria mente, com seu exército, ele vingou a república com uma guerra justa, e de uma vez só livrou-a do tirano e de toda sua facção”, cf. CAMERON, 1993, p. 50-51.

⁵ Deste ponto em diante, todas as citações que exigir traduções das obras citadas considerar como nossa tradução.

⁶ Cf. ALENCAR, 2007.

⁷ Cf. FRANCHI, 2009, apesar da autora não utilizar obras de Eusébio de Cesareia.

⁸ Fócio, patriarca de Constantinopla, contribuiu para o Cisma entre Oriente e Ocidente no século IX. Para a afirmação de Fócio, cf. nota de FRANGIOTTI, 2000, p. 9.

⁹ Ver, por exemplo, seu relato sobre Constantino, comparado a Moisés, e sua infância entre os tiranos, em EUSEBIO, *Vida de Constantino*, p. 152-153.

¹⁰ Cf. MARKUS, 1997.

¹¹ Segundo Peter Brown, a afirmação de que a igreja primitiva até Constantino era grandemente castigada e perseguida, em sua totalidade, precisaria ser matizada, cf. BROWN, 1999.

¹² Cf. ALENCAR, 2007.

¹³ Cf. FRANCHI, 2009.

¹⁴ Constantino foi aclamado por suas tropas.

¹⁵ Helena Amália Papa (2013), por exemplo, defende que somente após o Concílio de Niceia é que se pode falar em uma ortodoxia, propriamente dita.

Artigo recebido em 06/10/2013. Aprovado em 14/11/2013.